# A Complexidade do Relacionamento Homossexual Feminino no conto "Carmilla" de Joseph Sheridan Le Fanu[1]

Fabiana Leite Escobar[2]

**Resumo:** O presente artigo sugere uma análise do conto "Carmilla", (1872), de Joseph Thomas Sheridan Le Fanu, por meio de um estudo sobre a complexidade do relacionamento homossexual feminino frente aos padrões morais da sociedade Europeia do século XIX. O estudo se principia com registros da história do lesbianismo desde a Grécia, passando pelas obras vampirescas de relações homoafetivas femininas, finalizando no contexto histórico da mulher/lésbica na sociedade Vitoriana. A leitura analítica do conto está focada nas personagens Laura e Carmilla, discutindo a amizade de ambas que transita entre uma fascinação hematófaga, pensamentos opressores e sentimentos lesbianos. Para a realização do estudo proposto, foi imprescindível o embasamento bibliográfico de cunho teórico e crítico de autores tais como Argel e Neto (2008), Beauvoir (1980), Foucault (1988), McCarthy (2010), Rich (1980), Swain (2004), entre outros.

**Palavras-chave:** Lesbianismo; Vampira; Le Fanu

**Abstract:** This article suggests an analysis of the short story "Carmilla" (1872), by Joseph Thomas Sheridan Le Fanu, through a study of the complexity of the female homosexual relationship forward to the moral standards of the European society of the nineteenth century. The study begins with records of the history of lesbianism from Greece, through the works of vampiric female homoaffective relations, ending in the historical context of women/lesbians in Victorian society. The analytical reading of the story is focused on the characters Laura and Carmilla discussing the friendship of both that transits between hematophagous fascination, oppressive thoughts and lesbian feelings. To carry out the proposed study it was essential the bibliographic foundation of theoretical, and critical authors such as Argel and Neto (2008), Beauvoir (1980), Foucault (1988), McCarthy (2010), Rich (1980), Swain ( 2004), amongst others.

**Keywords:** Lesbianism; Vampire; Le Fanu

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a analisar a obra "Carmilla" de Joseph Sheridan Le Fanu, traçando um breve panorama Histórico do lesbianismo na sociedade desde a Grécia de 600 a.C. até a Europa do século XIX, para comparar o comportamento feminino das protagonistas Laura e Carmilla. Alguns aspectos da primeira até a última literatura referente às obras vampirescas de relações lésbicas serão revelados, além da condição social da mulher em meio ao regime patriarcal da sociedade Vitoriana, para demonstrar a complexidade no relacionamento homossexual feminino entre as personagens do conto "Carmilla".

---

[1]Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação da professora Mestra Mariana Rissi Azevedo, a ser definido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a coordenação da professora Laura Miranda de Castro, do Curso de Letras do Instituto de Educação,

[2] Acadêmica finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, do IEAA/UFAM; flescobar27@gmail.com

Diante do estudo proposto, o foco de análise se estabelece entre as principais personagens da obra em questão, Carmilla e Laura, que após se conhecerem, experimentam juntas o afeto mútuo. Enquanto vampira, Carmilla absorve a vitalidade de sua companheira Laura e por tal motivo enfrenta drásticas consequências, já Carmilla enquanto mulher com tendências lésbicas faz suas investidas em Laura, e devido a seu comportamento, sofre retaliações. No decorrer da leitura, é nítida a confusão emocional enfrentada por Laura em relação aos sentimentos homossexuais que experimenta com Carmilla, devido aos padrões morais da sociedade Europeia do século XIX, e entre estes conflitos é que se observa a complexidade deste relacionamento parasitário, amistoso e lesbiano.

Realizou-se um levantamento de cunho bibliográfico e teórico acerca da história da sexualidade através da perspectiva de Focault (1988), da crítica literária feminista de Simone de Beauvoir (1980) e Adrienne Rich (1980), dando enfoque nas questões do lesbianismo e conjuntamente foi traçado um breve panorama da literatura de vampirismo lésbico, com base em Argel e Neto (2008). Para o presente estudo, utilizou-se de uma abordagem qualitativa, embasada também em autores como McCarthy (2010), Swain (2004), entre outros, os quais trarão conceitos da teoria do feminismo, da mulher/lésbica na sociedade e da complexidade de se ter um relacionamento feminino homossexual.

## 1. O lesbianismo e a vampira lésbica até o final do século XIX

Durante a passagem dos séculos, as relações construídas entre os seres humanos foram sendo cuidadosamente determinadas e regidas pelo sexo masculino, sendo que tais regimentos caminhavam para uma desmoralização contra o sexo feminino e tudo mais o que fazia parte deste universo.

Para observar um pouco sobre esta natureza opressora, será exposto, historicamente, o relacionamento homossexual entre mulheres e seus amores eróticos, os quais fugiam de um padrão imposto por uma sociedade “heterossexualmente compulsória”, e que com rapidez e precisão foi sendo apagado da historiografia da humanidade, além de também mostrá-lo cronologicamente dentro da literatura, por meio de obras com o tema vampiresco, nas quais se tinham mulheres com amores homoeróticos que deveriam ser punidas.

Tania Navarro Swain, 2004, em sua obra “O que é lesbianismo”, traz um breve cenário dos primeiros registros do amor erótico entre mulheres por meio de Safo, que nasceu em Lesbos por volta de 600 a.C. em uma ilha grega na Ásia menor, numa época em que as mulheres eram livres na vida política, econômica e sexual, dentro de uma Grécia oriental.

Safo era poetisa e tinha como inspiração as mulheres, mais precisamente seus desejos e paixões, ela exaltava o ser feminino e passava muito tempo ao lado de suas amigas, no cultivo de uma escola somente para mulheres, onde se divertiam rodeadas de música e poesia.

Durante muito tempo na Antiguidade, a arte desta incrível mulher foi considerada de uma grandiosidade para a humanidade, sendo muito respeitada, porém grande parte de suas obras foram apagadas da história, e então Safo teve seus poemas queimados, e o que restou foram resquícios e alguns fragmentos, que exaltam suas poesias e nos mostram a graciosidade do amor e da paixão de mulher para mulher.

Michel Foucault, 1988, em sua obra, "A história da sexualidade – A vontade de saber", afirma que "a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade" (FOUCAULT, 1988, p.11). Repressão esta que passou a considerar o amor erótico entre as mulheres como pervertido ou desviante e que serviu como forma de controlar a população feminina, suas escolhas e vontades.

Ainda na obra de Focault, 1988, é possível notar a traiçoeira moral da sociedade Vitoriana na qual precisamente no século XVII, o lesbianismo foi ganhando qualificações e formas, as mulheres homossexuais eram chamadas de "sodomitas" e mortas, a sociedade patriarcalista foi ganhando mais poder e passava a reinar fortemente aplicando suas metas e costumes.

Mais a frente, no século XVIII, os tribunais passaram a condenar o homossexualismo, pois tal feria a lei e devido ao desejo que emanavam as mulheres com amores homoeróticos, estas eram colocadas dentro de uma natureza desviada e consideradas criminosas perante a lei, ou seja, era a lei quem ditava um comportamento sexual que deveria ser adotado por estas mulheres e então o futuro destas estava resumido, tão somente pela forma como cada uma usava seu "dispositivo" sexual.

É no século XIX que a sexualidade foi modificada passando a ser um estudo científico de valores éticos, onde em um grau geral os homossexuais eram tidos como uma nova espécie de ser humano e considerados como doentes, as mulheres passaram por um estudo amplo e doloroso por recusarem o sexo masculino e o sexo da burguesia prevaleceu como modelo.

Estes horríveis experimentos em nome da ciência resumiam as mulheres em seres reprimidos pela sociedade, o que as colocava em uma posição de desordem perante a população, ou seja, as mulheres que possuíam estes "sintomas" eram qualificadas ou desqualificadas e estes terríveis fatos tiravam todos os direitos femininos, o direito da palavra e o direito de "ser", o qual resultava em um mutismo social, como afirma Foucault:

> "O que não é regulado para a geração [...] não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado, e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer" (FOUCAULT, 1988, p.10).

E neste mesmo regime vitoriano, que por meio de estudos literários científicos voltados a área medicinal, é que as classificadas como "criaturas aberrantes" ou propriamente as lésbicas, antes consideradas como conhecedoras e atuantes das práticas sodomitas, ganham espaço dentro dos estudos literários, por meio do mundo fantástico dos vampiros, atuando como protagonistas das estórias.

Apesar de muitas das obras com o tema vampiresco abordar o vampiro homem e o amor heterossexual, a História nos traz um pequeno recorte de obras literárias, cujas personalidades principais são mulheres com ardentes amores homoeróticos e por tal modo, deveriam de alguma forma ser hostilizadas.

De acordo com Matthew Bunson, 1993, em sua produção "The Vampíre Encyclopedia" historicamente o príncipe Vlade Tepes, O Empalador (1431-1476), foi fonte de inspiração para Bram Stoker em seu Drácula, e como princípio de inspiração histórica para os ainda poucos escritores do gênero vampiresco, ligados ao tema da mulher vampira, se tem no início do século XVII, Erzsébeth Bathory (1560-1614), A Condessa de Sangue, a qual nascera na Hungria, era bissexual e costumava torturar e matar moças virgens para beber e banhar-se no sangue dessas jovens, na esperança de se tornar imortal. Após anos de assassinatos e torturas, Bathory foi condenada e aprisionada em um quarto escuro de seu castelo onde permaneceu até sua morte.

Martha Argel e Humberto M. Neto, 2008, no livro "O Vampiro Antes de Drácula", fazem menção a obra que aparece como porta de entrada ao amor homoerótico entre mulheres, o qual se intitula "Christabel", um poema de Samuel Taylor Coleridge (1722-1834), publicado em 1816, escrito em duas partes com 677 versos sendo que a primeira foi redigida em 1797 e 1798 e a segunda em 1800. Neste poema tem-se a estória de Christabel, uma jovem humana que ao sair do castelo para orar no bosque se deparou com Geraldine, uma jovem vampira que é descrita por Christabel como sendo de uma beleza extremamente maravilhosa, a qual Christabel ajuda levando-a para passar uma noite em seu quarto, local onde as duas jovens aproximam-se em meio à nudez, sonhos, toques e olhares imponentes. Ao raiar do dia Christabel sente repulsa, culpa e confusão mental, já Geraldine se torna mais

bela. Apesar do contato entre as duas jovens ser cautelosamente escrito em versos por Coleridge, é nítida a forte atração de uma pela outra. Ao final do poema o pai de Christabel sente um enorme apreço por Geraldine e a leva embora, entristecendo o então solitário coração de Christabel.

É no final deste mesmo século, onde se encerram as obras de amores homoeróticos entre mulheres vampiras/humanas lésbicas, sendo tais protagonistas, por meio do conto Carmilla escrito por Joseph Sheridan Le Fanu, no qual traz a jovem vampira "Carmilla", que se apaixona pela jovem humana Laura, personagens as quais se apresentam neste trabalho como base para análise.

## 2. Joseph Thomas Sheridan Le Fanu e a Irlanda do século XIX

De acordo com Alfred Perceval Graves em suas memórias reunidas no livro "The Purcell Papers", os Le Fanu de Caen, uma família da alta burguesia Francesa, conseguiram permissão de Luís XIV para emigrarem da França a Inglaterra no ano de 1730 e mais tarde da Inglaterra para a Irlanda onde residiram permanentemente.

Após a Rebelião Irlandesa de 1798, os Britânicos e o Parlamento Irlandês uniram-se para formar o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, o qual ocorreu em primeiro de janeiro de 1801 e conforme os anos se passaram, a população irlandesa com seu nacionalismo tentava de todas as formas se manifestar pela emancipação, o que resultou em muitos protestos pedindo a libertação, além de futuros conflitos.

Joseph Thomas Sheridan Le Fanu nasceu em 28 de agosto de 1814 em Dublin na Irlanda, a qual ainda buscava meios para ter seu status livre. Le Fanu foi o filho mais velho de quatro irmãos, e por parte de mãe foi sobrinho-neto de Richard Brinsley Sheridan, um poeta e dramaturgo irlandês. Em 1826, a família Le Fanu acomodou-se em Abington no condado de Limerick, aos seis anos o menino já esbanjava talento criando pequenos esboços humorísticos, mas é aos 14 anos que Joseph Le Fanu dá o primeiro passo para sua futura carreia ao compor seu primeiro poema, que somente obteve os olhares de sua mãe e irmão.

Em 1833, o autor integrou a Trinity College para estudar Direito, teve sua formação de advogado, mas nunca a exerceu para dedicar-se ao jornalismo. No ano de 1838, teve sua primeira publicação, um conto que recebera o título de "The Ghost and the Bonesetter", pela Dublin University Magazine, revista da qual mais tarde tornou-se editor e proprietário.

Muitos de seus contos e romances eram em grande parte ambientados na Irlanda e traziam aspectos do caráter e da sociedade irlandesa, em uma palestra realizada por M.R.

James, 1923, durante uma reunião semanal da Instituição Real da Grã-Bretanha em 16 de março, cujo discurso intitulado fora "The Novels and Stories of J. Sheridan Le Fanu", o Sr. James referiu-se ao Sr. Le Fanu como sendo diferente de muitos autores, pois “a indefinível melancolia com o ar da Irlanda que inspirava muitos escritores é quase que completamente captada com sucesso por Le Fanu em suas palavras” (Tradução livre) [3], e que ainda “consegue transmitir um terror misterioso, bem melhor do que muitos outros escritores” (Tradução livre). [4]

Mais tarde no ano de 1844, Le Fanu se casou com Susanna Bennett e foram viver em Warrington Place, local onde tiveram quatro filhos. Em 1845, a Irlanda começou a passar por um acontecimento histórico que jamais fora esquecido por seus futuros habitantes, o Rev. John O'Rourke, 1902, em sua obra “The History of the Great Irish Famine of 1847, With Notices Of Earlier Irish Famines”, relata por meio de fatos históricos sobre esta grande fome que assolou cerca de um milhão de irlandeses, levando o inda Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda a reduzir drasticamente sua população. Acontecimento este que marcou a vida de Le Fanu e toda sua família, a qual passava por uma pesada dificuldade financeira, que os levaram a se mudarem para a casa dos pais de sua esposa na Merrion Square, no ano de 1851.

Pouco se sabe sobre a vida de Susanna, mas no ano em que se mudou para a casa dos pais, ela estivera em um frágil estado de saúde, pois sofria de depressão, era tida como portadora de sintomas neuróticos e era reprimida por fatores religiosos, que a colocara em uma crise de fé, onde frequentava viciosamente a cultos religiosos e ainda discutia seriamente sobre religião com o irmão de Le Fanu. Estes eram alguns dos elementos os quais desenhavam a realidade do comportamento feminino no século XIX e que de acordo com Beauvoir, 1980, os fatores religiosos pesavam muito no psicológico dessas mulheres, que viam em sua revolta contra o regime patriarcalista uma ação pecaminosa.

É de todo o conhecimento, que durante este século muitas mulheres diariamente buscavam meios e formas para resistirem às imposições patriarcais a que lhes eram impostas e também se sabe, que a mulher não dedicou seu tempo e nem procurou meios em buscar melhorias para como melhor servir, mas sabemos que transformaram a mulher em um ser submisso. Algumas destas indivíduas seguiam em uma posição de isolamento, sem poder opinar quanto a aceitar ou não as regras que lhes foram impostas e sem dar uma palavra, automaticamente, seguiam um curso que lhes fora ordenado. Um bom exemplo das mulheres que eram nesta época oprimidas, são os Asilos Madalena, muito bem descrito por Rebecca

---

[3] “The indefinable melancholy which the air of Ireland [...] which inspires many Irish writers - is caught by Le Fanu and fixed in words with an almost complete success.” (JAMES,1923)

[4] “…he succeeds in inspiring a mysterious terror better than any other writer.” (JAMES,1923)

Lea McCarthy, 2010, em seu livro “Origins of the Magdalene Laundries: An Analytical History”, onde nestes locais as mulheres que buscavam sua merecida liberdade, ou eram órfãs, prostitutas, tinham praticado o ato do aborto, divorciadas ou tiveram filhos fora do casamento, e etc..., eram internadas e terminavam por serem maltratadas de forma psicológica e física por meio de trabalho escravo e castigos religiosos, onde passavam horas ajoelhadas rezando por perdão Divino para seus comportamentos “errantes”. Nestes locais as mulheres eram levadas para serem “curadas” e assim poderem voltar à sociedade.

Vê-se então, que a maneira como todas estas indivíduas atuavam em meio à sociedade, era a forma como cada qual em sua totalidade determinava seu destino. E esta foi à maneira como a Sra. Bennett ficou conhecida na cidade de Dublin, para mais tarde aos 34 anos no ano de 1958, morrer após um ataque histérico.

A decadência emocional era algo que rotineiramente, de uma forma muita intensa, se fazia presente nos dias da família Le Fanu e de acordo com Kathryn West, 1996, no “Dictionary of Literary Biography”, Joseph Le Fanu transcreveu em seu diário uma grande angústia pela perda de sua esposa Susanna e um sentimento de culpa.

É na sombra de um luto e de um vazio que jamais fora preenchido, que o autor se retirou da vida social com grande amargura e passou a escrever suas melhores obras durante a noite, em meio a sonos e sonhos inquietantes, adormecia por volta da meia noite e acordava lá pelas duas da manhã, onde retomava sua escrita na qual adicionava particularidades do que sonhava e ao nascer do dia despertava para findá-la. E é nesta nova vida de reclusão, que Le Fanu “renasce” como “The Invisible Prince”, vulgo o qual fica conhecido em Dublin.

No ano de 1866, teve alguns de seus contos publicados em uma revista da Inglaterra intitulada, All the Year Round, a qual pertencera a Charles Dickens e mais tarde em 1871, na revista The Dark Blue vol. 2 publicou Carmilla, um de seus contos mais conhecidos.

O fim da vida de Joseph Thomas Sheridan Le Fanu, aos cinquenta e nove anos, se deu devido ao stress provindo da falta de sono, seu coração enfraqueceu levando-o a um ataque cardíaco no meio da noite em sua casa, no ano de 1873.

## 1. De Joseph Thomas Sheridan Le Fanu o conto “Carmilla”

O conto “Carmilla” do Irlandês Joseph Sheridan Le Fanu ganhou espaço no mundo por meio da revista The Dark Blue vol. 2 no período de Dezembro de 1871 a Março de 1872, sendo publicada de maneira seriada, em 16 capítulos. No século em que se sucedeu, surgiram inúmeras adaptações de “Carmilla”, dentre elas, “The Vampire Lovers” em 1970, como a

mais fiel à obra, esta nasceu no cinema e veio carregado de cenas com muita sedução sendo bastante explícitas, teve como produtor Roy Ward Baker, que por meio do filme conduziu definitivamente no ressurgimento da obra literária de Le Fanu, já no final do século XX.

O enredo do conto tem início com a narração de Laura descrevendo o local onde morava, ela vivia em um castelo na Styria o qual pertencia a seu pai, que era seu único familiar vivo, pois ela perdeu sua mãe quando ainda era uma menina. Havia também a Sra. Perrodon, que cuidou de Laura desde a morte de sua mãe e outra mulher, a Senhorita De La Fontaine, sua governanta de aperfeiçoamento. Por morar em um local quase que isolado, esporadicamente Laura recebia a visita de três amigas, das quais raramente as retribuía o encontro.

Certa noite, o pai de Laura lhe deu uma horrível notícia, Bertha Feindelth sobrinha do General Spielsdorf tinha acabado de morrer. Mais tarde, naquela mesma noite, todos estavam na frente do castelo, Laura, seu pai, a Sra. Perrodon e a Senhorita De La Fontaine, quando de repente, uma carruagem sofreu um acidente em frente a todos e da carruagem saiu uma elegante senhora e disse ao pai de Laura que estava fazendo uma importante viajem, mas não poderia seguir juntamente com sua filha Carmilla, que estava muito doente. Então a elegante mulher o pediu para que recebesse Carmilla em seus cuidados, e este assim o fez. Laura nada sabia sobre Carmilla, mas a vampira tinha 150 anos de idade e em vida humana, foi uma Condessa de nome Mircalla Karstein.

Carmilla sendo um ser hematófago costumava evidenciar este comportamento com as moças que povoavam as redondezas do castelo de Laura, conforme os dias se passaram, a vampira então começou suas investidas para com a humana, que principiou por meio de um sonho, o qual lhe causava arrepios por todo o corpo e nas noites que se seguiram, ela acordava com uma sensação lasciva e melancólica e que segundo seus relatos, era algo extraordinário e já durava três semanas.

Certo dia Laura, seu pai e a Sra. Perrodon se juntaram para irem às ruínas do castelo dos Karnstein, no meio do caminho encontram o desolado General Spielsdorf, que seguiu viagem juntamente com eles, e então narrou a todos sobre a história de como sua sobrinha tinha morrido. Tudo teve início quando o General e Bertha conheceram uma Condessa e sua e sua filha Millarca, depois de muita conversa, a misteriosa mulher disse ao General que teria que partir em uma inevitável viagem de três semanas e que sua filha, a Srta. Millarca, não poderia seguir viagem. A Condessa então pediu ao General que acolhesse Millarca, e o Sr. Spielsdorf permitiu a estadia da moça. Conforme os dias se passaram, Bertha começou a ficar doente, ela tinha pesadelos com fantasmas que lembravam, às vezes, a forma de um animal

indistinto, seguido de uma sensação de agulhas que perfuravam seu pescoço e finalizava em um estrangulamento, que a deixava inconsciente.

Entre as lamúrias do General, todos chegaram ao castelo dos Karnsteins, deixaram a carruagem e seguiram para a capela, por lá encontraram um lenhador das redondezas, que contou a todos sobre a destruição da família de vampiros, os Karnsteins. Disse o Lenhador, que a família estava matando muitas pessoas do vilarejo e por este motivo, os moradores resolveram condenar toda família a morte. Ainda naquela época em que as execuções aconteceram, havia um homem muito nobre da Moravia, que em viagem, passou pelo vilarejo e se ofereceu para exterminar os vampiros que ali ainda perturbavam a ordem local, e então o nobre realizou sua caçada. Após a vitoriosa perseguição, o nobre homem pediu autorização dos aldeões para esconder o túmulo da Condessa Mircalla Karnstein, e assim a teve. E era este o túmulo, que o agora caçador de vampiros, General Spielsdorf estava à procura.

Ainda na capela, o General continua sua narrativa, ele resolveu chamar o Médico de Gratz, que lhe deu algumas recomendações. Durante a noite, o General se escondeu no quarto de Bertha, quando de repente, ele viu um vulto negro, o qual era Millarca, que logo desapareceu. Ao amanhecer daquela noite, sua sobrinha havia morrido.

Enquanto ele terminava Seu lamento, a Senhora Perrodon e Carmilla entraram na capela, e imediatamente o General pegou o machado do Lenhador e partiu para cima da vampira, que logo desapareceu perante todos. Naquele momento, os que presenciaram tal fato, souberam pelo General, que Millarca ou Carmilla eram na verdade a Condessa Mircalla Karnstein.

Depois do tumulto, entrou na capela o Barão Vordenburg, que sabia onde encontrar o túmulo da Condessa Mircalla e no outro dia na Capela dos Karnstein, os homens presentes no local abriram o túmulo de Carmilla e executaram a vampira conforme a lei ordenara.

## 1. A complexidade do relacionamento homossexual feminino entre as personagens Carmilla e Laura

No conto “Carmilla”, a personagem Laura é revelada ao leitor como sendo possuidora de uma tocante solidão, e que apesar de estar na companhia do pai, das criadas e envolta das esporádicas visitas de amigas, diariamente, a solitária humana carregava em seu coração este inquietante sentimento, o qual fora marca forte em seus dias.

Ao receber sua repentina e principal visita, a vampira Carmilla, pela primeira vez Laura sai de seu isolamento e fica fascinada com tudo o que vê em sua hóspede, a forma de

andar, de falar, a cor de sua pele, seus cabelos, seus olhos, enfim, tudo no corpo daquela estranha e enigmática mulher, despertava um êxtase em Laura, como ela mesma afirma:

> [...] Era esguia e maravilhosamente graciosa. [...] Sua fisionomia era pujante e resplandecente; suas feições eram delicadas e de bela conformação; os olhos grandes, negros e brilhantes, seu cabelo era simplesmente maravilhoso; nunca vi cabelo tão esplêndido cheio e longo quando estava caído pelos ombros; muitas vezes introduzi minhas mãos de baixo dele e ri de admiração ante seu peso. (LE FANU, 1971, p.44).

E é por meio desse encontro, que o mundo da jovem humana começou a ganhar cores, pois a partir daquele momento, ela teve a melhor companhia de todos os seus dias e a cada nova lua, seu entusiasmo aumentava.

Ao contrário de Laura, Carmilla sempre fora rodeada por seus companheiros que, cautelosamente se faziam presente à sua volta e apesar da muita idade, a hematófaga aparentava ser uma jovem de 19 anos ao que tudo indica e quanto ao que sentia pela humana Laura, sim a vampira Carmilla era inegavelmente fascinada por sua anfitriã.

Dentre as muitas conversas que ocorriam entre as duas, Carmilla afirmou que nunca foi apaixonada por ninguém, até aproximar-se de Laura, como pode ser afirmado pela hóspede: “Não estive apaixonada por ninguém, e nunca me apaixonei [...] a não ser que seja por você” (LE FANU, 1971, p. 67). Com o passar dos dias, cautelosamente a vampira revelava a Laura sua afeição, da qual aos poucos a humana subtraía para dentro de si, como se pode ler em suas confissões:

> Ela costumava passar seus bonitos braços em volta de meu pescoço, puxar-me para si e, encostando seu rosto ao meu, murmurar com seus lábios perto de meu ouvido [...] costumava apertar-me estreitamente em seu trêmulo braço, e seus lábios em beijos delicados, excitavam-se suavemente nas maçãs do meu rosto [...] eu costumava ter o desejo de livrar-me, porém minhas energias pareciam faltar-me. O murmúrio de suas palavras soava a meus ouvidos como um acalanto, e aquietava minha resistência, levando-me a um transe, no qual eu só parecia sair quando ela retirava os braços. (LE FANU, 1971, p.48).

E conforme as demonstrações de afeto da parte de Carmilla se intensificavam, com mais frequência Laura se envolvia em toda a situação, porém dúvidas começaram a surgir entre seus pensamentos, e mediante a este sentimento duvidoso é que se pode notar o início de uma complexidade no relacionamento entre futuras amantes, como relata Laura:

> Eu sentia uma estranha e tumultuosa excitação, mesclada de uma vaga sensação de medo e repugnância. Eu não tinha ideias claras a respeito dela enquanto estas cenas perduravam, porém estava convicta de um amor que evoluía para a adoração, e também para a repulsa. (LE FANU, 1971, 48).

Carmilla é uma personagem que sai da visão da mulher virtuosa e angelical da clássica literatura, pois ela era uma mulher que denegria os moldes vitorianos por ser fonte de amor erótico entre mulheres, devido a seu gosto pela carne feminina. Como pondera Beauvoir, "o corpo feminino é para ela, como para o homem, um objeto de desejo". (BEAUVOIR, 1980, p. 146). E é este desejo que a torna um ser feminino transformador, para a época na qual se encontrava e que vai em contraposição ao ser feminil que habitava em Laura, a qual não resistia aos confrontos de sua nova companheira.

Quanto ao que sentia por Laura, já se sabe que a vampira não perdia tempo em demonstrar, pois esta descobriu o amor na humana, e apesar de estar se alimentando da vitalidade de Laura, Carmilla a tratava de uma forma diferente de todas as suas vítimas, pois procrastinou seus dias de vida humana e o que estaria por vir, seriam três semanas de intensa paixão, nas quais Laura finalmente se entregaria a Carmilla e as duas passariam a ser uma só carne. Simone de Beauvoir, 1980, em sua obra, "O Segundo sexo: a experiência vivida" nos revela que:

> Entre mulheres, o amor é contemplação: as carícias são menos destinadas a se apropriar do outro do que a recriar-se lentamente através dele; a separação está abolida [...] dentro de uma exata reciprocidade cada qual é ao mesmo tempo sujeito e objeto, a soberana e a escrava; a dualidade é cumplicidade. (BEAUVOIR, 1980, p.156).

E é exatamente desta forma, que nas semanas seguintes, a humana entrou em um estágio lascivo e excitante e a vampira esbanjava sua luxúria e desejo, em meio a noites vigorosas, das quais Laura confessa: "Certas sensações vagas e estranhas sobrevinham-me no sono. A que predominava era a daquele arrepio gelado e peculiar que sentimos no banho [...]" (LE FANU, 1971, p. 84). E então Laura e Carmilla entraram em um momento extraordinário do qual a humana nunca tivera conhecimento e este era seu comportamento face à libido, como ela mesma afirma:

> Outras vezes era como se lábios ardentes me beijassem, e mais prolongados e mais apaixonadamente quando chegavam a meu pescoço [...]. Meu coração batia mais depressa, meu fôlego se dilatava [...] sobrevinha um soluço, que evoluía para uma sensação de estrangulamento e se transformava em uma

> terrível convulsão, na qual meus sentidos me abandonavam e eu me tornava inconsciente. (LE FANU, 1971, p. 85).

Porém, Laura não sabia lidar com este recente deleite descoberto e tinha em sua mente uma guerra, a guerra da mente versus corpo, pois ambas as amantes, apesar de viverem no mesmo século, conviviam em um momento em que as mulheres não podiam sentir o prazer do sexo, o que resultara em um sentimento confuso que pairava sobre a mente de Laura, relacionado a este novo gozo o qual estava experimentando.

Nos ensaios de Adrienne Rich, 1980, intitulado "Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence", a autora nos esclarece que, "a doutrinação da credibilidade e do status masculino podem ainda criar sinapses no pensamento, negações de sentimento, ideias sugestivas e uma profunda confusão sexual e intelectual" (Tradução livre)[5] (RICH, 1980, p. 646). Ou seja, Laura em toda sua vida foi regida por uma criação na qual imperava um sistema patriarcal que regia todo o século XIX e então, quanto aos galanteios de Carmilla, automaticamente a humana reprimia o que sentia e logo entrava em um estágio de frigidez, o que acontecia somente quando havia um distanciamento entre os corpos.

A personagem Laura é a representação da mulher contida do século XIX, pois tudo o que a ela foi ensinado por sua tutora de aperfeiçoamento, a Senhorita De La Fontaine e toda a literatura da qual a humana tinha lido em seus livros de história, mostraram a ela sobre estes sentimentos e sensações, os quais deveriam ser sentidos de homem para mulher e que os galanteios direcionados a uma mulher, deveriam ser provindos de um homem, como se pode ler em suas confissões: "[...] havia aqui um disfarce e um romance? Eu lera, em velhos livros de história, a respeito de coisas assim. E se um rapazinho apaixonado tivesse conseguido penetrar na casa, e procurasse atingir seu intento sob máscara [...]?" (LE FANU, 1971, p. 50). Prova de que era este o amor que Laura conhecia até aquela determinada situação, já o novo amor do qual a humana estava apreciando naquele momento, lhe causava estranhamento e rigidez, e até medo de sentir que estava fazendo algo de errado, algo do qual estava fora do que tinha sido ensinada e tais literaturas doutrinavam como as mulheres deveriam se portar perante a sociedade da qual faziam parte.

Já Carmilla, esta que correu riscos para se manter perto da jovem humana, apareceu em meio a solidão de Laura, como fonte de desejo, intimidade e amor. Como no século XIX, o sexo assumia a forma de reprodução, tem-se na personagem vampira, a criação de um ser

---

[5] "[…] in doctrination in male credibility and status can still create synapses in thought, denials of feeling, wishful thinking, a profound sexual and intellectual confusion." (RICH, 1980, p. 646)

feminino, o qual tira o sexo da posição de reprodução e o coloca no âmbito do prazer. Focault, 1988, afirma que:

> No processo de histerização da mulher, o "sexo" foi definido de três maneiras: como algo que pertence em comum ao homem e à mulher; ou como o que pertence também ao homem por excelência e, portanto, faz falta à mulher; mas, ainda, como o que constitui, por si só, o corpo da mulher, ordenando-o inteiramente para as funções de reprodução [...]. (FOUCAULT, 1988, p.166).

Carmilla a então personagem libertina, se encaixa no grupo das mulheres que tinham um apetite "antinatural" e "monstruoso" para com o sexo feminino, ou seja, de acordo com a ciência da época, Carmilla representava a classe de mulheres que possuía um hermafroditismo interior, por este modo ou ela nasceu "estranha" ou foi ensinada a ser lésbica e diferentemente dos tempos de Sapho, o amor de Carmilla é então considerado pervertido e desviante.

Laura, a personagem que no século XIX representava o alvo manto canônico da pureza feminina e que de forma alguma deveria ser maculado, não poderia compactuar com este apetite "antinatural" e "monstruoso", e então o tão sonhado dia em que a vampira iria transformar a humana em sua eterna amante, para que de tal modo as duas pudessem permanecer juntas por toda a eternidade, foi ao final do conto interrompido pela figura masculina, e devido a isto, Carmilla foi condenada ao desaparecimento por meio da morte e Laura foi "livrada" de um mal que poderia arrastá-la ao mesmo fim.

O extermínio adotado para com a personagem Carmilla é a afirmação de um abafamento para as muitas mulheres de seu tempo, o qual estava reprimindo o relacionamento sexual entre as mulheres, que eram caladas, por meio de uma exclusão da sociedade, acarretando assim, em uma inexistência onde nada mais se poderia dizer ou fazer e quanto a Laura, restou-lhe apenas as confissões na forma de carta, nas quais contar a verdade seria uma forma de se libertar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma breve análise histórica do lesbianismo, da vampira lésbica e da condição da mulher até o final do século XIX, o presente artigo propôs um estudo relacionado à complexidade do relacionamento homossexual feminino entre mulheres, mediante as normas obrigatórias da sociedade Europeia do século XIX. O estudo foi realizado através das

personagens Carmilla e Laura do conto “Carmilla”, o qual também apresenta dois estereótipos usados para classificar muitas mulheres, no período em discussão.

Dentre as literaturas antecessoras até as da época em questão, foi plausível observar a pesada herança que acompanhou a mulher homossexual como visto em Sapho, sobe a forma de esconder sua admiração sensual para com o ser feminino, foi apagando da história suas literaturas e entre os textos das vampiras lésbicas, pouco se tinha o que abordar sobre estes assuntos, nos quais as mulheres eram punidas por terem sua sexualidade fora do normal para o contexto exigido perante a época.

Da análise realizada, foi possível olhar de perto, o íntimo do relacionamento homoafetivo entre mulheres, e de que forma ter um relacionamento como este em pleno século XIX, poderia acarretar em sérias punições que resultavam em um mutismo social.

Por meio das principais personagens do conto, é inevitável a comparação com a realidade histórica da obra, na qual se tinha dois tipos de comportamento, um imoral e outro que deveria ser adotado pela mulher da época.

Na personagem Laura, vemos a presença do molde do puritanismo da sociedade Europeia, na qual as mulheres eram o sexo frágil, que para serem importantes, tinham apenas que aprender uma nova língua e se portar apresentável perante as pessoas, e este deveria ser o modelo o qual por imposição precisaria ser seguido. Quanto à Carmilla, esta apresentava um tipo de comportamento que não poderia ser adotado pelas mulheres de seu tempo e quem o praticasse, estaria sujeito à punição grave.

Foi este um tempo insatisfatório para estas mulheres, as quais tinham seus desejos sexuais reprimidos e eram resumidas a reprodução. Estas por estarem na condição de sexo frágil deveriam somente fazer aquilo o que lhes era ordenado, ordem a qual vinha de uma sociedade onde não se podia ferir a autonomia masculina, e por tal motivo, era repugnante a relação homossexual entre estas mulheres, e o que historicamente, na Grécia clássica de acordo com Focault, (1984), convinha em uma troca de saberes entre os homens mais velhos e os rapazes mais novos e para as mulheres conforme o passar dos séculos continuou ser motivo de desvio moral.

A personagem Carmilla enquanto vampira foi morta por estar tirando a vitalidade de sua companheira Laura, mas acima de tudo Carmilla enquanto mulher com tendências lésbicas foi morta por ter o desejo de transformar Laura em sua amante eterna, isto ocorreu devido aos moldes da sociedade heterossexualmente compulsória, que pune qualquer comportamento feminino considerado “inadequado”, e é então que se pode observar a

complexidade do relacionamento homossexual feminino, tanto na literatura quanto na História.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGEL, Martha; NETO, Humberto Moura. **O vampiro antes de Drácula.** Tradução de Martha Argel e Humberto Moura Neto. São Paulo: Aleph, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: fatos e mitos.** Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. vol.1.

BEAUVOIR, **Simone de. O Segundo sexo: a experiência vivida.** Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. vol.2.

BUNSON, Matthew. **The Vampire Encyclopedia.** New York: Gramercy, 1993.

COLERIDGE, Samuel Taylor. **Christabel and other poems.** New York: Scribner, Welford, and Co., 1869.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. vol.1.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: O uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. vol.2.

GREENFIELD, John. **Dictionary of Literary Biography - British Short-Fiction Writers, 1800-1880.** Detroit: The Gale Group, 1996. v.159.

JAMES, M.R. **The Novels and Stories of J. Sheridan Le Fanu.** Disponível em: http://www.users.globalnet.co.uk/~pardos/ArchiveLeFanu.html Acesso em 21/01/2016.

LE FANU, Joseph Sheridan. **Carmilla.** Tradução de Pedro Pôrto Carreiro Ramires. Rio de Janeiro: Bruguera Editorial, 1971.

LE FANU, Joseph Sheridan. **The Purcell Papers: -** by the late Joseph Sheridan Le Fanu, autor of “Uncle Silas”, with a memoir by Alfred Perceval Graves. Londres: Richard Bentley and Son, 1880. v.1.

LAWLESS, Emily. **The Story of Ireland - With Some Additions by Mrs. Arthur Bronson.** New York: G. p. Putnam's Sons, 1888.

McCARTHY, Rebecca Lea. **Origins of the Magdalene Laundries: An Analytical History.** McFarland & Company. North Carolina, 2010.

McCORMACK, W. J. **Le Fanu, (Joseph Thomas) Sheridan.** Disponível em: http://www.oxforddnb.com/view/article/16337 Acesso em 03/03/2016

O'ROURKE, John, Rev. **The History of the Great Irish Famine of 1847, With Notices of Earlier Irish Famines.** Dublin: James Duffy and Co., 1902.

RICH, Adrienne. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence.** Chicago: University of Chicago Press, 1980.

ROBERTS, Sue Lloyd. **Demanding justice for women and children abused by Irish nuns.** Disponível em: http://www.bbc.com/news/magazine-29307705 Acesso em 18/02/2016.

SHOWERS, Brian. **Joseph Thomas Sheridan Le Fanu.** Disponível em: http://www.findagrave.com/cgibin/fg.cgi?page=gr &GRid=82949523 Acesso em 19/02/2016.

SWAIN, Tania Navarro. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.